



www.cm-oaz.pt

galeria **TOMÁS COSTA**
Oliveira de Azeméis | Praça da Cidade



EXPOSIÇÃO
"Sousa Lopes:
o traço das
trincheiras"

5 » 30 out '2016



ADRIANO SOUSA LOPES



Natural de Vidigal (Leiria), nasceu a 13 de fevereiro de 1879.

Viveu com os pais em Turquel, até ser admitido na Escola de Belas Artes de Lisboa na qual frequentou o Curso Geral de Desenho e o Curso Especial de Pintura entre 1896 e 1901.

A formação artística de Sousa Lopes foi largamente influenciada pelo naturalismo, que tinha sido interiorizado por artistas como Silva Porto, Columbano, Carlos Reis, que haviam feito parte da sua formação em Paris e que eram o expoente artístico desse período.

Em 1903 ganhou uma bolsa do legado do Visconde de Valmor – com uma pintura representando um episódio da Iliada de Homero – que utilizou para frequentar a École Nationale et Spéciale de Beaux-Arts, em Paris.

Porém, em Paris, a frequência simultânea da Academie Julian, onde foram alunos Gauguin, Matisse e Duchamp, e das exposições colectivas que visitou ou em que participou, trouxeram para a pintura de Sousa Lopes um conjunto de influências relacionadas com o uso da luz e da cor que estão associadas ao movimento impressionista.

Em 1908 concluiu os estudos em Paris, apresentando como prova final a pintura “As ondinas” que revela um estilo muito dentro dos cânones classicistas que tinham feito parte da sua formação nas academias.

Entre 1909 e 1928 viveu entre França e Portugal, desenvolvendo as suas obras que apresentou em diversas exposições.

Os seus trabalhos só começaram a chegar ao grande público nacional em 1917 quando organizou, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a sua primeira exposição retrospectiva, onde apresentou os trabalhos que pintou durante o pensionato e as suas viagens de estudo pela Europa e Norte de África.

Antes disso participou em várias exposições colectivas em Paris, em Lisboa e noutras cidades europeias, apresentando alguns dos seus trabalhos. Foi, também, responsável pela organização da Secção de Belas Artes do Pavilhão Português na exposição Panamá – Pacífico de 1915, associada à inauguração do Canal do Panamá.

Só em 1927 Sousa Lopes voltou a apresentar uma grande exposição individual em Portugal, novamente na Sociedade Nacional de Belas Artes e onde já estavam algumas das pinturas alusivas à Grande Guerra que hoje fazem parte do acervo exposto no Museu Militar.

São essas, juntamente com um conjunto de frescos alusivos aos Descobrimentos, encomendados para decorar o Palácio de São Bento, que marcam, pela sua monumentalidade, esta fase da sua obra, onde continua, apesar disso, a haver espaço para as paisagens da serra e das artes da pesca, temas que lhe eram caros.

Em 1929 foi nomeado Diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea, sucedendo a Columbano Bordalo Pinheiro, regressando definitivamente a Portugal. Foi sob a sua direção que se criou uma sala dedicada a Columbano, assim como a Sala dos Novos onde se apresentavam os trabalhos dos artistas emergentes. Também se fizeram algumas modificações na museografia. No que concerne à colecção procurou obter meios financeiros para adquirir obras dos artistas ligados às novas correntes artísticas, actualizando o acervo do museu, sem descurar a aquisição de obras de artistas consagrados.

Procurou ainda divulgar os artistas portugueses, representados no acervo do Museu Nacional de Arte Contemporânea, organizando uma exposição no museu Jeu de Pomme, em Paris, no ano de 1931.

Colaborou ainda na preparação de um programa para a construção de um novo edifício para o museu, que se pretendia edificar na zona de Belém, projecto que não chegou a ser concretizado.

Adriano Sousa Lopes manteve-se no cargo até falecer a 21 de abril de 1944.

PORTUGAL E GUERRA



Portugal estava numa situação delicada, tanto do ponto de vista interno, como externo, no início da Guerra.

Internamente, duas correntes de opinião degladiaram-se até ao fim do conflito, condicionando a forma como Portugal esteve presente no mesmo. Por um lado, os guerristas que defendiam uma participação ativa na frente de combate europeia como forma de consolidarem politicamente a sua posição. Por outro, os anti-guerristas que defendiam uma neutralidade colaborante com a Inglaterra e França e a defesa militar dos territórios africanos.

No que respeita à política externa a implantação da

República tinha contribuído para o afastamento da Inglaterra, que ensaiava uma aproximação à Espanha e se dispunha a aceitar uma divisão dos territórios africanos controlados por Portugal, com a Alemanha cujas colónias confinavam com Angola e Moçambique, daí que favorecesse uma posição de neutralidade portuguesa.

Um outro factor estava subjacente à posição inglesa e dos anti-guerristas, a dúvida quanto às capacidades do exército português enfrentar o teatro de operações mais exigente de todos os tempos, sabendo-se que desde as campanhas napoleónicas não combatia na Europa.

Ainda assim, a facção guerrista conseguiu forçar a participação portuguesa na guerra, através da apreensão dos navios alemães fundeados nos portos nacionais, disponibilizados aos aliados, e criando o Corpo Expedicionário Português para combater na Flandres.

O Império Alemão declara a guerra à República Portuguesa a 9 de Março de 1916.

O PINTOR NAS TRINCHEIRAS E NO MUSEU MILITAR DE LISBOA



Apesar da participação na guerra não reunir a unanimidade pretendida, Adriano Sousa Lopes não

hesitou em oferecer os seus serviços ao governo para, à semelhança do que era feito nos outros países, documentar a participação dos militares portugueses.

Antes de solicitar a sua incorporação como oficial pintor, para “[...]documentar artisticamente a participação de Portugal na guerra europeia [...]”, Sousa Lopes tinha organizado algumas acções solidárias destinadas a reunir fundos, tanto para os soldados portugueses como franceses.

Da sua presença nas trincheiras, Sousa Lopes, pretendia que resultasse um álbum ilustrado onde fossem registadas as figuras de maior destaque do exército português e os episódios mais representativos das acções do CEP.

Aceite a sua proposta, foi equiparado a capitão e integrado no Serviço Artístico do Exército Português onde também se encontrava colocado, como Alferes equiparado, o fotógrafo Arnaldo Garcez.

A 09 de setembro de 1917 iniciou a viagem que o levaria até junto do CEP. Até janeiro de 1918 o seu raio de acção circunscreveu-se ao quartel-general e à retaguarda das linhas portuguesas, por falta de condições logísticas. Essa situação desagradou ao pintor que ponderou regressar a Portugal.

No entanto, em janeiro de 1918, Sousa Lopes conseguiu instalar-se junto das unidades de primeira linha, onde capturou, com o seu traço, o dia-a-dia do CEP. Foi no período que mediou entre janeiro e abril que produziu os trabalhos mais expressivos da sua missão. Foi, também, nessa altura que contactou com uma série de oficiais – como Jaime Cortesão, André Brun, Américo Olavo e Augusto Casimiro, entre outros – com quem criou laços de amizade, e que ao editarem as suas obras de memórias da Grande Guerra, recorreram ao pintor para lhes ilustrar as capas dos livros.

O CEP foi retirado da frente de combate após a batalha de La Lys, ocorrida a 9 de Abril.

Durante a sua permanência com o CEP Sousa Lopes produziu inúmeros esboços e desenhos de situações vivenciadas, e de alguns pormenores, que lhe serviram para a concepção, posterior, das telas que ilustram as salas do Museu Militar.

Através de contrato firmado a 21 de outubro de 1919 estabeleceram-se os termos em que seria feita a decoração das salas da Grande Guerra. Previa-se a realização de 6 telas que retratariam diversos episódios da participação portuguesa no conflito.

A execução das telas acabou por ser um processo moroso e com alguma tensão com o director, Coronel Câmara e Silva, relacionada com a decoração da sala.

No entanto, essas divergências não impediram a concretização do conjunto que hoje se assume como peça central das duas salas em que se evoca o Corpo Expedicionário Português.

As telas "A Destruição de um Obus", "Chegada de um ferido de um Posto Avançado", "Marcha para a 1ª Linha", "Rendição nas Trincheiras", "As Mães dos Soldados Desconhecidos", "Remuniciamento debaixo de fogo" e "Combate do Caça-Minas Augusto de Castilho com um submarino alemão" sintetizam, na sua diversidade, a participação portuguesa no conflito.

A "Rendição nas trincheiras" é o resultado direto da vivência na frente, com o Batalhão de Infantaria 2, durante a qual, numa inspecção à primeira linha, com o Capitão Américo Olavo, viu a saída de um grupo de militares para a segunda linha com o ar desgastado de quem tinha estado sujeito às condições de extrema dureza que o CEP enfrentou. Nela, não há outra demonstração de heroísmo que não seja a capacidade de sobrevivência e de sacrifício daqueles homens.

As pinturas foram executadas ao longo das décadas de vinte e de trinta. A última obra em que trabalhou: "Combate do Caça-Minas Augusto de Castilho com um submarino alemão", ficou incompleta, devido à sua morte.